

ARCHAIC JEWELLERY IN PORTUGAL

The large number of pieces of proto-historic jewellery from Portuguese territory, which is mostly exposed in the Museu Nacional de Arqueologia (National Museum of Archaeology) but with significant representation in other museums in the country, is one of the most precious manifestations of our past.

The objects of ancient goldsmithery allow the archaeological investigation to use the products of the goldsmiths as an indicator of the status of the owners of these jewels. Among other factors, this social differentiation occurs due to the display of goods and materials of critical access, particularly hard to obtain.

The gold artefacts were, since the 3rd millennium B.C., part of a set of goods that reach the nature of insignia and power, which give shine to the social status. Found in the overwhelming majority in undetermined circumstances, the pieces of jewellery from the 2nd millennium B.C. gradually gained greater size and weight. Their decoration demonstrates the increasing technical skills of goldsmiths, as seen in the exceptional bracelet of Cantonha.

In all societies of European Pre- and Proto-history, the exchange of prestige goods was important, and jewels were especially so: the Homeric poems tell us of trade, the imposition of tributes to that trade in strategic points of passage (as does the fortune of Priam of Troy), of war, plunder, and confiscation (which dictated its destruction) and of the gift, the generous offer to someone deemed worthy (such as the presents from the king of the Phaeacians to Ulysses, which determined his final fortune).

We do not know the extent and quality or the process by which the peninsular goldsmiths knew, understood and imitated the pieces of oriental jewellery (or Orientalizing, in the sense that they were produced in the West by workshops directly set up in the Middle East or with oriental craftsmen, such as the Odemira earrings), but all the evidence shows that these peninsular craftsmen, heirs of the old masters of the Late Bronze Age, learned early how to use metal in new ways.

We must not forget the phenomenon of accession to the novelty, now known as "fashion". It is this phenomenon, added to the mastery of a timeless activity of familial transmission, traditionally very closed, which explains the appearance of always different classes of objects and truly unique objects, such as the masterpiece that is the torque of Vilas Boas.

Later, the conquests of Alexander brought massive looting of precious metals to the realm of the Mediterranean, which changed the nature of the relationship that societies established with wealth and, of course, also changed the relative value of the precious metals.

In their wake, the Romans reserved mainly the expression of their wealth for the home environment and for the conviviality that takes place in it: the banquet. This is visible in the home architecture, in the predominant role given to the rooms where the great meals were held in aristocratic homes and, in some very interesting sets known throughout the empire, the tableware, namely silver, which served these banquets, as would have been the case of the phiale of Lameira Larga.

With the end of the Empire, we enter a time of really scarce jewellery findings, which nevertheless continued to produce quality works, such as the fibula of the type Visigoth of Beja. But "the glitter of power" begins to manifest itself in other ways: the Church starts concentrating its assets in the most precious metal available and using it on objects of liturgical use.

Obliterações do 1.º dia em First day obliterations in

Loja CTT Restauradores
Praça dos Restauradores, 58
1250-998 LISBOA

Loja CTT Município
Praça General Humberto Delgado
4000-999 PORTO

Loja CTT Zarco
Av. Zarco
9000-069 FUNCHAL

Loja CTT Antero de Quental
Av. Antero de Quental
9500-160 PONTA DELGADA

Encomendas a / Orders to

FILATELIA
Av. D. João II, LT. 1.12.03, 4.º
1999-001 LISBOA

filatelias@ctt.pt
(coleccionadores / collectors)
www.ctt.pt

O produto final pode apresentar pequenas diferenças.
Slightly differences may occur in the final product.

Design: Concept Advertising
Impressão / printing: Futuro, Lda.

Dados Técnicos / Technical Data

Emissão / issue
2013 / 06 / 21

Selos / stamps
€0,36 – 155 000
€0,70 – 175 000
€0,80 – 115 000
€1,70 – 140 000

Bloco / souvenir sheet:
Com um selo / with 1 stamp
€3,00 – 54 500

Design - Atelier B2

Créditos/credits
Selos/stamps

€0,36 Bracelete composto de Cantonha, Costa (Guimarães), século XI-X a. C.
€0,70 Arrecada orientalizante de Odemira, século VIII-VI a. C.
€0,80 Phiale de prata dourada de Lameira Larga (Penamacor), representando o mito de Perseu, século I-II d. C.
€1,70 Fibula visigótica do Convento de Santa Clara (Beja), século VI-VII d. C.

Museu Nacional de Arqueologia
Direção-Geral de Património Cultural/ADF/
José Pessoa

Bloco/souvenir sheet
Selo/stamp
Torques de Vila Flor (Vila Real), século IV-III a. C.

Museu Nacional de Arqueologia
Direção-Geral de Património Cultural/ADF/
Luísa Oliveira

Fundo/background
Levantamento arquitectónico da fachada da construção oitocentista e novecentista do Mosteiro dos Jerónimos, ocupada pelo Museu Nacional de Arqueologia (tratamento gráfico do original da autoria de Rita Cruz Neves). Col. de Luís Raposo.

Agradecimentos/acknowledgments
Direção-Geral de Património Cultural/ADF
Luís Raposo

Papel / paper - FSC 110 g/m2
Formato / size
Selo / stamp: 40 x 30,6 mm
Bloco / souvenir sheet: 125 x 95 mm
Pictagem / perforation
Cruz de Cristo / Cross of Christ 13x13
Impressão / printing - offset
Impressor / printer - Cartor
Folhas / sheets - Com 50 ex. / with 50 copies

Sobrescritos de 1.º dia / FDC
C5 – €0,75
C6 – €0,56

Pagela / brochure
€0,70

OURIVESARIA ARCAICA EM PORTUGAL





O numeroso conjunto de peças de ourivesaria proto-histórica procedente do território português, e que se encontra, maioritariamente, exposto no Museu Nacional de Arqueologia, mas com significativa representatividade também noutros museus do país, constitui uma das manifestações mais preciosas do nosso passado.

Os objetos de ourivesaria antiga autorizam a investigação arqueológica a tomar os produtos dos ourives como um indicador do estatuto dos possuidores dessas joias. Entre outros fatores, essa diferenciação social acontece pela exibição de bens e materiais de acesso crítico, particularmente custosos de obter.

Os artefactos de ouro foram, desde o III milénio a. C., parte de um conjunto de bens que alcançam a natureza de insígnias de poder e que dão brilho ao estatuto social. Encontradas na esmagadora maioria em circunstâncias indeterminadas, as peças de ourivesaria do II milénio a. C. ganham paulatinamente maior dimensão e peso. A sua decoração demonstra as crescentes aptidões técnicas dos ourives, como se vê no excecional bracelete de Cantonha.

Em todas as sociedades da Pré- e Proto-História europeia, o intercâmbio de bens de prestígio foi importante, e as joias foram-no especialmente: os poemas homéricos falam-nos do comércio, da imposição de tributos a esse comércio em pontos estratégicos de passagem (o que faz a fortuna de Príamo de Troia), da guerra, do saque e do confisco (que ditam a sua destruição) e do dom, a oferta generosa a alguém julgado digno (como os presentes do rei dos Feaces a Ulisses, que determinam a sua fortuna final).

Não sabemos qual a extensão e qualidade ou o processo pelo qual os ourives peninsulares conheceram, compreenderam e imitaram as peças de ourivesaria oriental (ou orientalizante, no sentido de terem sido produzidas no Ocidente por oficinas diretamente formadas no Oriente ou com artífices orientais, como as arrecadas de Odemira), mas toda a evidência mostra que esses artífices peninsulares, herdeiros dos velhos mestres do Bronze Final, aprenderam desde muito cedo a utilizar o metal de formas novas.

Não devemos esquecer o fenómeno de adesão à novidade que, correntemente, se designa de

«moda». É este fenómeno, adicionado à mestria imemorial de uma atividade de transmissão familiar, tradicionalmente muito fechada, que explica o aparecimento de classes de objetos sempre diferentes e de objetos verdadeiramente únicos, como a obra-prima que é o torques de Vilas Boas.

Mais tarde, as conquistas de Alexandre trouxeram para a esfera do Mediterrâneo enormes saques de metais preciosos que modificaram a natureza das relações que as sociedades estabeleciam com a riqueza e, naturalmente, modificaram também o valor relativo dos metais preciosos.

Na sua esteira, os romanos reservaram principalmente a expressão da sua riqueza para o ambiente doméstico e para a convivialidade que nele tem lugar: o banquete. Isto é visível na arquitetura doméstica, pelo papel predominante dado, nas residências aristocráticas, às salas onde as grandes refeições decorriam e, em alguns conjuntos muito interessantes conhecidos por todo o império, à baixela, designadamente de prata, que servia nesses banquetes, como terá sido o caso da *phiale* de Lameira Larga.

Com o fim do Império, entra-se numa época em que escasseiam realmente os achados de ourivesaria, que todavia continuou a produzir obras de qualidade, como as fíbulas de tipo visigodo de Beja. Mas «o brilho do poder» passa a manifestar-se de outras formas: a Igreja vai concentrar no seu património a maior parte do metal precioso disponível e utilizá-lo em objetos de uso litúrgico.

